

ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO, REFORMULAÇÃO E ARGUMENTAÇÃO: UM ATO DE RETEXTUALIZAR EM MONOGRAFIAS¹

*Strategies of adaptation, recast and argumentation:
an act of retextualizing in monographs*

Clara Regina Rodrigues de Souza*
Williany Miranda da Silva**

RESUMO

Monografias são escritas em um processo interno de retextualização decorrente de a constituição do seu texto de análise de dados relacionar componentes inerentes à introdução: pergunta de pesquisa, objetivos e hipótese. Nesse trabalho, a questão-problema que se propõe a investigar é: Será que as estratégias de retextualização na “seção de análise de dados” são responsáveis por legitimar a produção de monografias? Para tanto, objetiva-se *interpretar as estratégias de escrita implicadas na referida seção deste gênero*. A metodologia desenvolvida se apoia em Strauss e Corbin (2008) em defesa de uma abordagem de cunho descritivo-interpretativista e de investigação qualitativa e quantitativa para a apreciação de seis monografias, defendidas entre 2009-2011, produzidas por sujeitos² advindos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) dos Cursos de Licenciatura

1 Este trabalho resulta da dissertação *Retextualização em monografias*, defendida em 2014, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem em Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba. A pesquisa dissertada integrou o projeto investigativo *As estratégias textuais e discursivas nos gêneros orais e escritos: da sala de aula ao ambiente virtual*, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Williany Miranda da Silva. Outras versões do trabalho foram apresentadas e premiadas nos IV e V *Gêneros na Linguística e na Literatura*, respectivamente em 2013 e 2014, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

2 Os nomes dos sujeitos são preservados, conforme submissão ao Comitê de Ética, com parecer (de número: 831.393) aprovado e seguido de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética: 35015614.3.0000.5182.

* Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da UFPE.

** Universidade Federal de Campina Grande. Orientadora da dissertação em recorte para o presente artigo.

Plena em Letras e de Bacharelado em Ciências Sociais, respectivamente, do Centro de Humanidades da UFCG. Dentre os pressupostos teóricos utilizados, Marcuschi ([2001] 2010) e Matencio (2002; 2003; 2004) embasam a investigação sobre o fenômeno investigado na escrita deste gênero. Após a constatação do alto índice de estratégias básicas de *reformulação* no processo de produção de conhecimento, são reconhecidos processos de adaptações textuais e discursivas e, sobretudo, de argumentação para que as questões, postas na introdução, sejam respondidas na seção de análise de dados, legitimando, assim, uma pesquisa realizada.

Palavras-chave: *monografia, retextualização; estratégias de escrita.*

ABSTRACT

Monographs are written in an internal process of retextualization arising from the constitution of the text data analysis, which relates to components in the introduction: research question, objectives and hypothesis. In this work, the question-problem is: are the retextualization strategies on the "data analysis section" responsible for legitimizing the production of monographs? For this purpose, we aim at interpreting the writing strategies involved in that section. We are based on Strauss and Corbin (2008), on their idea of adopting a descriptive-interpretativist methodology. The present analysis is both qualitative and quantitative, as we work on six monographs, defended between 2009-2011, which were produced by students from The Institutional Scientific Initiation Scholarship Program (PIBIC), in the Full Degree Course in Literature and Linguistics and in the Bachelor of Social Sciences, both located in the UFCG University. Among the many theoretical assumptions, we highlight Marcuschi ([2001] 2010) and Matencio (2002; 2003; 2004), authors who support the research on the given phenomenon. After acknowledging the high rate of basic *re-casting* strategies in the process of knowledge production, it is possible to recognize textual and discursive adjustments and, above all, the use of argumentation so that the issues put in the introduction are answered in the section called *data analysis*, thus legitimizing a survey.

Keywords: *monograph; retextualization; writing strategies.*

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os gêneros de contexto acadêmico mobilizam o fenômeno da *re-textualização* em práticas científicas interdependentes de textos-fonte (TF) diversos, porque se pautam no *já dito* ou resultam de textos previamente produzidos. No Brasil, Travaglia (1993) introduz oficialmente o fenômeno como parte da atividade tradutória, em que um texto é produzido a partir de outro texto, na mesma modalidade escrita, mas em outra língua.

Desde o seu estudo, o fenômeno adquire diferentes percursos de investigação. A obra seminal de Marcuschi ([2001] 2010) o situa no contínuo existente entre os gêneros textuais orais e escritos, compreendendo-o como um processo com operações complexas que interferem no código, bem como no sentido de um texto escrito oriundo de um falado.

Para Dell'Isola (2007), a retextualização é a transposição de um gênero em outro, considerando o uso da língua e aspectos como interlocutores, contextos de situação, elementos linguísticos variados e de diferentes níveis que abrangem seleção vocabular, construção sintática, estilo e estratégias semântico-pragmáticas de apresentação de ideias e argumentos. Desse modo, a proposta de centralizar o gênero no ensino de língua materna é advinda da urgência de formar leitores e escritores capazes de compreender a relação interacionista sócio-histórica entre escritor-texto-contexto-leitor.

Anteriormente à proposta pedagógica de relacionar às aulas de produção textual o fenômeno da retextualização, Matencio (2002; 2003; 2004) analisa resumos e resenhas produzidos por estudantes de Letras e propõe uma metodologia para o ensino de Língua que contempla atividades de retextualização na universidade, possivelmente de modo integrado em uma disciplina específica. Seus estudos demonstraram que, em contexto acadêmico de ensino/aprendizagem, os gêneros são retextualizações que permitem a análise de textos científicos, de vulgarização científica e, especialmente, de suas respectivas práticas sociais de produção.

Nesse sentido, a referência aos saberes já consolidados na academia movimenta o *saber-dizer* científico; a apropriação de conceitos e a referência a tais saberes implica o *saber-fazer científico*; por sua vez, a conscientização da existência do processo de retextualizar permite ao acadêmico escrever palavras próprias, adquirir autoridade para iniciar e sustentar uma produção e, principalmente, alcançar o *fazer-ciência*. Dadas essas constatações, o presente trabalho guarda semelhanças com os estudos de Matencio, que consideram a retextualização do texto escrito para o texto escrito, em contexto acadêmico.

No entanto, as pesquisas realizadas sobre as diferentes atividades de retextualização ainda não atentaram para o fato de que este fenômeno

também se realiza internamente em gêneros (sobremaneira nos complexos, como a monografia), quando há um contínuo entre textos que os compõem. A partir desta constatação, observa-se que monografias são escritas através da consideração e da retomada de questões de pesquisa, postas em sua introdução. Com isso, objetiva-se, em específico, *descrever estratégias de retextualização realizáveis nos processos de adaptação, reformulação e argumentação no texto de análise de dados a partir do de introdução em monografias*. Os objetivos são traçados para responder à problemática: Será que as estratégias de retextualização na seção “análise de dados” são responsáveis por legitimar a produção de monografias?

Em vista do cumprimento dos objetivos apresentados, adota-se o seguinte plano organizacional: a presente introdução; o tópico teórico em que situamos a perspectiva de retextualização assumida; os dois tópicos teórico-analíticos sobre a escrita da análise em monografias; as considerações finais; as referências que embasaram este trabalho e o apêndice com as referências das monografias investigadas.

2. RETEXTUALIZAÇÃO E INTERTEXTUALIDADE — DUAS PERSPECTIVAS AFINS

Desde 2007 investigando o fenômeno da retextualização na escrita acadêmica, percebemos a dificuldade comum em entendê-lo na distinção com a intertextualidade, por esta também resultar em produções textuais a partir de TF. Por este motivo, retomamos nossas reflexões em Souza (2011), que as define como um critério contido naquela prática de escrita/leitura mais abrangente.

O termo *intertextualidade* é introduzido na década 60 por Kristeva, em suas apresentações sobre o trabalho de Bakhtin. O enfoque bakhtiniano subsidiara a terminologia por meio da abordagem translinguística para a análise de textos, ou seja, a abordagem intertextual indicativa de que textos (enunciados pelo entendimento bakhtiniano) se constituem através de outros textos.

Segundo Costa Val (2001; 2004), a intertextualidade ganha destaque nos estudos linguísticos em 1981, quando é entendida como o sétimo princípio da textualidade, com fatores que fazem um texto depender do conhecimento de outros. Segundo a autora, este princípio é a condição para a produção e recepção de determinados gêneros, a exemplo dos que circulam em contexto acadêmico, como resumo, resenha. Em sentido mais amplo, o princípio processa um texto como resposta a outros.

Para Marcuschi (2008), reconhece-se um texto dentro de outro a partir do que se conhece dos outros. De modo semelhante, para Koch e Elias (2009) a intertextualidade é o princípio de que todo texto remete a outro ou

a outros, funcionando como a base de todo e qualquer dizer, seja de forma implícita, seja explícita, mais comum em contexto científico por causa da credibilidade acrescida por argumentos de autoridade.

Pela ótica da Análise Crítica do Discurso, Fairclough (2001) compreende como os sujeitos interpretam textos para construírem posicionamentos políticos e ideológicos e define a intertextualidade como a propriedade dos textos de serem cheios de fragmentos de outros, para, por exemplo, os assimilar, contradizer e ironizar. Na perspectiva dos novos estudos retóricos, para Bazerman (2006), a intertextualidade se constitui nas relações explícitas e implícitas estabelecidas entre um texto e outros textos antecedentes, contemporâneos ou futuros. O estudioso assume postura similar ao de Fairclough, ao concluir que a intertextualidade revela um posicionamento de escritor que elabora seus próprios argumentos.

Silva (2011) aponta a intrínseca relação entre intertextualidade e retextualização, porque ambas permitem a compreensão de um texto-base e a produção de um gênero. Com base nisso, considera as operações de retextualização de Marcuschi ([2001] 2010) como operações de intertextualidade, tratando aquelas como mais abrangentes do que estas. Em sua tese de doutorado, Silva (2013) analisa os processos de retextualização evidenciados em exposições orais de esfera acadêmica, reafirmando que a inerência da intertextualidade no fenômeno perpassa a apropriação de propósito comunicativo, conteúdo e estilo de textos-base.

Matencio (2003) também considerou a retextualização como maior do que a intertextualidade, pois a própria mudança de gênero, subjacente ao retextualizar, revela alterações discursivas nos propósitos comunicativos e na funcionalidade do gênero retextualizado, envolvendo tanto relações entre textos – intertextualidade –, quanto entre discursos – a interdiscursividade.

Os estudos apresentados possibilitam situar a retextualização como uma atividade de transformação de um texto em outro, em que esta produção decorrente não exclui a intertextualidade na base de sua construção, mas não se resume a esse processamento. Como não há que confundir-los, neste artigo, a intertextualidade é auscultada como estratégia de citação e paráfrase no processo de retextualização de adaptação.

Desta maneira, comprova-se a importância do fenômeno em estudo por sustentar e propiciar o *saber-fazer científico* em situação formal da linguagem, como é o caso do gênero monografia, que autoriza compreender a cientificidade esperada nas produções de seu meio, através da (des) construção de conhecimentos validados, em um contínuo de apropriação, reflexão e contestação de saberes produzidos.

3. RETEXTUALIZANDO NA SEÇÃO DE “ANÁLISE DE DADOS”

A retextualização pressupõe um texto em outro através de um processo de apropriação e produção textual realizável a partir de estratégias, cuja compreensão é uma atividade complexa, porque depende, notadamente, da situação textual-discursiva em que são mobilizadas. Diversos autores as compreenderam de modos distintos, porém, a análise que desenvolveram guarda traços em comum, por serem evidenciadas no mesmo fenômeno.

Matencio (2002) analisou em resumos acadêmicos estratégias linguísticas, textuais e discursivas de gerenciamento de vozes, seleção, apagamento, generalização, retomada e reformulação. Silva (2013) investigou, em exposições orais na esfera acadêmica, estratégias de eliminação, substituição, acréscimo, reordenação tópica, retomada, condensação, paráfrase, reformulação, complementação, inserção e construção.

Marcuschi ([2001] 2010) discorreu em retextualizações de textos orais para escritos sobre as operações linguístico-textuais e discursivo-cognitivas de eliminação, completude, regularização, acréscimo, substituição, reordenação, tratamento dos turnos, inferência, inversão e generalização. Consideramos estas operações como estratégias textuais, por se materializarem em textos, situados cultural e sociocognitivamente.

A partir das seis monografias coletadas de *pibiquianos* egressos de Letras e Ciências Sociais, verificamos que a análise desenvolvida no gênero monografia mobiliza as estratégias de citação, paráfrase, acréscimo, reordenação e juízo de valor.

3.1 ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO: CITAÇÃO E PARÁFRASE

As estratégias de adaptação consistem em trazer a voz de outrem para dentro do texto, podendo ser de forma direta por *citação*, ou indireta por *paráfrase*. Desde Eco ([1977] 1996), a paráfrase é vista como o resumo que se faz, com palavras próprias, do texto de outro autor; enquanto a citação é a reprodução de trechos de outro escritor identificáveis por causa do uso de aspas.

Os estudos sobre paráfrase têm repercussão no Brasil com a clássica tese de Hilgert (1989), que a definiu como uma atividade de constituição textual, para reformular etapas de desenvolvimento da própria formulação (autoparáfrase) ou da formulação alheia (heteroparáfrase). Com os pressupostos hilgertianos, compreendemos a paráfrase como um fenômeno complexo, que permite ser estudado sob mais de um enfoque investigativo. No caso da nossa pesquisa, o fenômeno é disposto em processos de adaptação, porque os dados são analisados a partir do que autores distintos fizeram em outras

ocasiões. Com menos recorrência, a análise de dados em monografias também se vale da citação, revelando que ambas as estratégias são utilizadas na produção de conhecimento no referido gênero.

A maneira de utilização dessas estratégias tem relação com o pertencimento de um sujeito a determinada comunidade acadêmica. De acordo com Hoffnagel (2009), incorporar o trabalho de outro autor ao texto é uma atividade retórica que permite a um escritor a sustentação de seu argumento, criando espaço de pesquisa ao se mostrar hábil e fiel à sua comunidade. Para a autora, a obrigatoriedade de citar trabalhos anteriores traz consigo as responsabilidades, que o escritor deve assumir, de saber o momento de citar, o modo de ativar o material citado (citação direta ou paráfrase) e, sobretudo, a credibilidade deste material, já que tanto pode consagrar a permanência autoral, quanto prejudicar a aceitação entre os pares.

Sabemos que as referidas estratégias são mais evidenciadas na seção de fundamentação teórica de gêneros como a monografia, da maneira como Bessa (2007) e Pereira (2007) investigaram; bem como a pesquisa de Bernardino (2009), que averiguou os tipos de paráfrase utilizados nesta seção do referido gênero, defendendo que a reformulação faz parte de sua constituição, pela necessidade de embasamento em outros autores. Ademais, nossos dados também comprovam que o momento de fundamentar teoricamente o texto é o de realizar citação e paráfrase. Contudo, a análise desenvolvida no gênero supracitado também se utiliza desse par de estratégias, como meio de sustentar o conhecimento produzido.

Diante dessa sustentação, entendemos a citação e a paráfrase de maneira mais geral, como estratégias de retextualização que adaptam a retomada de outros autores na produção textual. Com base em Marcuschi ([2001] 2010), observamos que as duas estratégias subsidiam a análise desenvolvida em monografias. Por meio da citação, o produtor do mencionado gênero confere credibilidade ao seu trabalho ao trazer a sua contribuição para conhecimentos já consagrados. Outrossim, quando a análise subsidiada teoricamente é disposta através de paráfrase, além de aferir a contribuição da monografia, o produtor do gênero revela sua autonomia em reformular o que outros autores disseram e adaptar essa reformulação ao seu texto, da maneira como evidencia o seguinte fragmento.

Fragmento 1 – Análise de Dados em ML-1³: APAR⁴

1.	Desta forma, quando nos referimos à situação de formação de professor no	Adaptação (paráfrase)
2.	ensino superior e podemos relacioná-lo à aula, comprovamos a afirmação de	
3.	Matencio (op. cit, p. 97) validada para sala de aula, no tocante ao evento	
4.	basear-se em um projeto de gerenciamento do evento determinado por um	
5.	objetivo fundamentalmente didático e a consciência da alternância de papéis,	
6.	que neste caso vai do professor para o aluno.	
ML-1 (p. 39-40)		

O Fragmento 1 se encontra no segundo tópico de análise de ML-1, *As estratégias pertinentes à unidade retórica de abertura*, momento em que o produtor da monografia reforça a relação entre o evento seminário, outras atividades de sala de aula e teorias lidas. Na análise dessa relação, utiliza-se de paráfrase para que dados sejam analisados através do conhecimento depreendido acerca da formação do professor.

Ao relacionar a prática de seminário à formação do docente, ML-1 se apoia em pressupostos teóricos para comprovar que as características didáticas do seminário se assemelham à situação didática estudada de sala de aula. Com isso, a paráfrase sustenta a análise desenvolvida ao passo que garante o encadeamento da monografia, ao inter-relacionar suas partes constituintes de fundamentação e análise de dados.

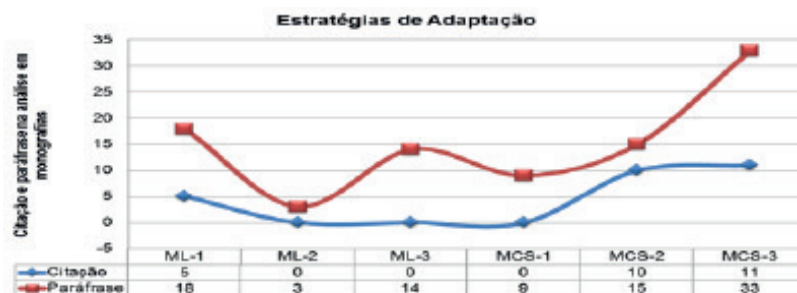
O fragmento representa as estratégias de adaptação como esteio para o conhecimento produzido na análise de dados das monografias em foco. Entretanto, identificamos em ML-2 e MSC-3 que tais estratégias são utilizadas como se fossem o próprio conhecimento produzido, confirmando a problemática, apresentada por Fabiano (2007), de que repetir outros autores não equivale a produzir conhecimento.

Considerando a retomada de outros autores para o desenvolvimento do texto, verificamos a maior recorrência da paráfrase, de 86%, na análise das seis monografias, em detrimento da citação, 14%. Como se observa pelo Gráfico 1, três das monografias (ML-2, ML-3 e MCS-1) não se utilizam de citação para analisar dados; ML-1 e MCS-3 fazem uso de 22% e 25%, respectivamente, da citação em relação à paráfrase; e MCS-2, com 40%, foi a que mais expôs citação. As ocorrências dessa estratégia não equivalem à metade das paráfrases realizadas, já que os números apontam ML-2, ML3 e MCS-1 com 100%; ML-1 e MCS-3 com 78% e 75% e MCS-2 com 60% de paráfrases.

3 As monografias analisadas são caracterizadas a partir de um código alfanumérico para identificar as três de Letras (ML-1, ML-2 e ML-3), bem como as três de Ciências Sociais (MCS-1, MCS-2 e MCS-3). Os destaques realizados no Fragmento 1 e nos demais são de nossa responsabilidade, seguindo como base uma harmonia de cores, negritos, itálicos e sublinhados. Conforme estabelecemos, os grifos em azul e negrito sinalizam os processos de adaptação realizáveis pelas estratégias de citação e paráfrase.

4 Adaptação por paráfrase (APAR).

Gráfico 1 – Estratégias de adaptação na análise em monografias



Os números apresentados no Gráfico 1 revelam que a análise desenvolvida nas monografias de Ciências Sociais se vale mais de estratégias de adaptação do que as monografias de Letras. Os índices comprovam que as três monografias analisadas de Letras primam mais pela discussão e interpretação dos dados, ao passo que as três de Ciências Sociais pela sua descrição. Isto ocorre porque nestas monografias as adaptações são realizadas no decorrer da descrição dos dados, na medida em que a fundamentação teórica utilizada também é apresentada. Diferentemente, outros autores são acionados na análise das monografias de Letras para sustentar as contribuições discutidas e interpretadas.

De forma geral, as monografias em foco evidenciam que autores devem ser incorporados ao conhecimento produzido na análise de dados como um meio de contra-argumentar teorias e, principalmente, de explicitar a contribuição da pesquisa realizada a partir de outros conhecimentos já consagrados.

Na incorporação realizada, é preferível a utilização da paráfrase, pois ela evidencia a habilidade do produtor da monografia de interpretar e reformular outros textos que subsidiem sua análise. Não obstante, concordamos com Hoffnagel (2009): mais importante do que utilizar uma ou outra estratégia é a maneira de fazê-lo, por se tratar de estratégias retóricas responsáveis por estabelecer um pesquisador na comunidade acadêmica.

As inadequações na relação entre análise e teoria em ML-2 e MSC-3 revelam inabilidade na permanência do espaço de pesquisa. Segundo o Gráfico 1, estas monografias evidenciam os extremos entre usar pouco a citação e a paráfrase ou empregá-las em excesso. Através desta constatação, interessou-nos investigar essa singularidade nos nossos dados.

Em ML-2, verificamos apenas três casos de paráfrase e nenhum de citação para interpretar dados. No mais, são utilizadas paráfrases não explicitadas, conforme discutimos a partir do Fragmento 2 e de trechos da

fundamentação teórica (FT) dessa monografia.

Fragmento 2 – Análise de Dados em ML-2: APAR

	Introdução (Questão de pesquisa)	Análise de Dados	
1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18.	“1) Como tem sido realizado o ensino e a avaliação de escrita na disciplina Prática de Leitura e Produção de Textos II (PLPT II), do Curso de Letras da UFCG, campus de Campina Grande? 2) Quais as concepções de escrita que possuem as professoras que lecionam essa disciplina?”	ML-2	Adaptação (paráfrase)
		Analisando as práticas docentes dos sujeitos da nossa pesquisa, observamos que as duas professoras mantêm posturas diversificadas: a professora 1 parece estar mais apegada a uma postura baseada na epistemologia tradicional , já que na maioria de suas aulas prevalece a “ transferência ” de conteúdos para os alunos , embora demonstre certas características sociointeracionistas , a exemplo de algumas reflexões sobre o objeto de estudo em aulas expositivo-dialogadas . Essa professora mantém uma postura aplicacionista de ensino, partindo sempre da teoria para a prática (esta corresponde a reflexões nas próprias aulas, ou através de exercícios). Já a professora 2 demonstra guiar-se por uma epistemologia construtivista sociointeracionista, seguindo um modelo reflexivo de ensino , já que ela sempre colocava os alunos em situação de escrita e depois discutia oralmente com eles suas próprias produções, na sala de aula, de acordo com a teoria que estava sendo estudada, trabalho que contava, em primeiro lugar, com a participação dos alunos. (...) ML-2 (p. 26)	

Segundo a **epistemologia tradicional**, inspirada no Empirismo e Positivismo, e apoiada na Psicologia Comportamentalista, o conhecimento é visto como uma descrição do mundo, ou seja, um conjunto de verdades de natureza ontológica. **O professor com esta visão, em sua aula, descreve os objetos, independentemente do contexto do observador.** O aluno, por conseguinte, aprende a reproduzir o mundo físico e social, descrevendo apenas o que “aprendeu” com o professor. Assim, diz-se que **o professor é um transmissor de informações, enquanto o aluno é apenas um receptor, repetidor dessas informações** (MORETO, op.cit.).
ML-2 (Grifos nossos, p. 14)

Opondo-se a esta visão, tem-se uma postura docente baseada em uma **epistemologia construtivista sociointeracionista**, segundo a qual o conhecimento é uma “representação que o sujeito faz do mundo que o rodeia, em função de suas experiências na interação com ele” (MORETO, 2008, p. 34). **O conhecimento deixa de ser visto como representação do mundo para tornar-se uma construção individual mediada pelo social. O saber agora está ancorado por um contexto, e não mais isolado do mundo, como ocorria na linha de pensamento anterior.**
ML-2 (Grifos nossos, p. 15)

O Fragmento 2 expõe o primeiro parágrafo de análise de ML-2, em que a voz de outro autor é incorporada na análise ao trazer a epistemologia tradicional e a construtivista sociointeracionista para interpretar as práticas docentes das professoras 1 e 2, sujeitos de investigação. Contudo, as

considerações teóricas são parafraseadas na análise sem que a estratégia recorrida seja sinalizada, embora a paráfrase seja identificável a partir da seção de fundamentação teórica (FT).

A paráfrase não explicitada é um empecilho na análise desenvolvida na monografia coletada, pois, ao invés de haver produção de conhecimento, há repetição da sua FT sobre epistemologias. Assim, não se tem a teoria a serviço da análise, como instrumento de confirmação ou de refutação do que fora produzido, mas a teoria é tomada como se fosse a voz do próprio autor da monografia.

A falta de instrumentalização das estratégias de adaptação também se revela em MCS-3, conforme explanamos no Fragmento 3, o qual evidencia que outros textos são tomados como se fossem o próprio conhecimento produzido na análise desenvolvida, diferenciando-se de ML-2 por explicitar as estratégias de adaptação realizadas. Em MCS-3, a quantidade de paráfrases e de citação nos dois capítulos em que análises são realizadas chama atenção, haja vista que na análise a teoria deve ser mobilizada na sustentação de conhecimento, mas não na sua substituição.

Os parágrafos expostos de MCS-3 foram retirados das páginas 73 e 74, em que há três paráfrases e cinco citações; dentre elas, duas paráfrases e três citações são expostas no referido fragmento. Duas das citações são incorporadas no texto como se fossem de autoria do produtor da monografia, conforme evidenciado nas linhas 5-19 e 24-30.

Nos dois casos, são adicionadas para dar continuidade aos enunciados apresentados. Recupera-se que é discurso alheio pela disposição com que são apresentadas, em conformidade às normas da ABNT de que uma citação com mais de três linhas deve ser escrita com recuo de 4 cm, seguida do nome do seu autor, do ano de publicação e da página em que se encontra. No entanto, apesar de a autoria ser posposta, o próprio escritor da monografia não relaciona seu conhecimento às citações, deixando ao cargo destas a responsabilidade de evidenciar o conteúdo que se pretendia construir.

A outra citação (linhas 41-46) é introduzida na análise através do enunciado “Como bem mostra Lévi-Strauss,” (linha 40), apontando que se trata de outra voz; porém, acaba-se não interpretando a citação e já se tirando uma conclusão dela, como se o conteúdo apresentado tivesse sido produzido pelo escritor da monografia: “Assim sendo, o que podemos extrair das relações matrimoniais é” (linhas 48-49). Além disso, as paráfrases são menos recorrentes e, quando utilizadas, se relacionam às citações (a primeira paráfrase introduz a segunda citação e a segunda paráfrase reformula a terceira), o que comprova a pouca autonomia na escrita acadêmica pelo despreparo em reformular o que autores escreveram.

Fragmento 3 - Análise de Dados em MCS-3: ACIT⁵ e APAR

	Introdução (Questão de pesquisa)	Análise de Dados	
1	1) Como os	(...) O casamento é, pois, uma forma de amadurecimento e	
2	ciganos	orgulho para a família e o grupo. Apesar da legitimidade da	
3	patoenses	endogamia grupal, devido o sangue ser um elemento identitário	
4	significam	cigano, os casamentos “pra fora”	
5	sua imagem e	servem como mecanismo cultural para a	Adaptação
6	constroem sua	incorporação de novos membros no grupo. É o caso	(citação)
7	identidade?;	de várias mulheres não ciganas que são captadas	
8	3) Como se	para a comunidade via casamentos, mulheres que,	
9	constroem	como destaquei, por meio da aliança, maternidade e	
10	suas relações	sociabilidade passam a ser incorporadas no sistema	
11	sociais diante	de parentesco e consideradas uma “quase cigana”.	
12	da fronteira	[...] Os grupos estabelecem princípios internos de	
13	étnica; 4)	classificação, definindo critérios de	
14	como vivem,	inclusão/exclusão e pautas para definir os	
15	como	pertencentes. Assim, encontram no casamento	
16	(re)constroem	misto, portanto nas alianças, uma outra forma de	
17	a sua	recrutamento. Para os que possuem o “sangue	
18	identidade	cigano” uma jurin pode ser uma “quase cigana”	
19	coletiva nos	mesmo que lhe falte a tão importante substância.	
20	dias de hoje	(SULPINO, 1999, p. 87-8)	
21	MCS-3	É importante levar em conta que a exogamia, de acordo com	Adaptação
22		Lévi-Strauss, é uma expressão social que constitui em uma	(paráfrase)
23		regra de reciprocidade, e que	
24		categorias exôgamas e categorias endôgamas não	Adaptação
25		constituem entidades independentes e dotadas de	(citação)
26		existência objetiva. Devem ser consideradas mais	
27		como pontos de vista, sob perspectivas diferentes,	
28		mas solidárias, de um sistema de relações	
29		fundamentais, no qual cada termo é definido por	
30		sua posição no interior do sistema. (LÉVI-	
31		STRAUSS, 1982, p. 89-90)	
32		Desta forma, a exogamia corresponde a um jogo de trocas, cuja	
33		consistência é complexa, consciente ou não, buscando adquirir	
34		garantias e prevenir-se contra possíveis riscos no terreno das	
35		alianças e das rivalidades. O matrimônio constitui para os ciganos	
36		uma operação de troca, da mulher em troca da formação de alianças	
37		sociais, alianças estas que podem se constituir nas relações de	
38		compadrio, na medida em que, ao que parece, muitos ciganos têm	
39		como compadres/comadres, padrinhos/madrinhas, pessoas	
40		influentes da cidade. Como bem mostra Lévi-Strauss,	
41		existe uma transição contínua da guerra às trocas e	Adaptação
42		das trocas aos intercasamentos. E a troca das	(citação)
43		noivas é apenas o termo de um processo	
44		ininterrupto de dons recíprocos, que realiza a	
45		passagem da hostilidade à aliança, da angústia à	
46		confiança, do medo à amizade. (LÉVI-STRAUSS,	
47		1982, p. 107)	
48		Assim sendo, o que podemos extrair das relações	
49		matrimoniais é a ideia de que o casamento por toda parte é	Adaptação
50		considerado uma ocasião favorável para criar-se e/ou	(paráfrase)
51		desenvolver-se um ciclo de trocas, não necessariamente	
52		amigáveis, como frisou Lévi-Strauss, mas importantes para a	
53		configuração da organização grupal. (...) MCS-3 (p. 73-74)	

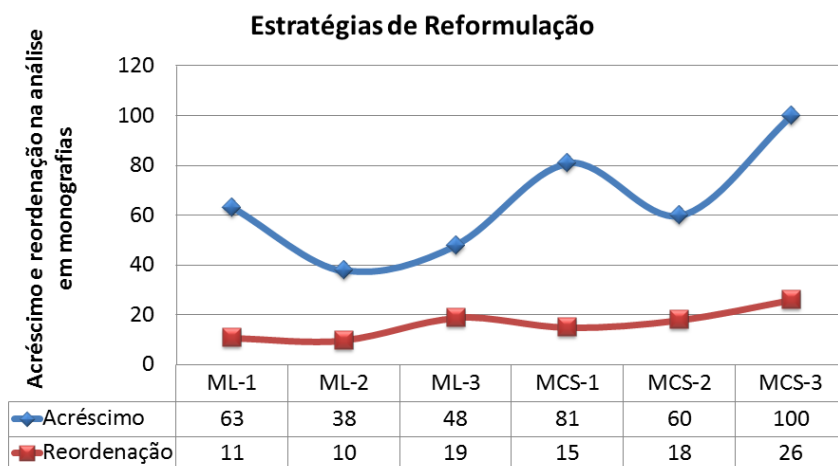
No Fragmento 3, quando a reformulação é realizada, a citação que a originou também é apresentada no texto, evidenciando a inabilidade em se posicionar. Portanto, a análise desenvolvida em MCS-3 busca respostas para as questões de pesquisa, expostas na primeira coluna. Todavia, as respostas, que mostram a identidade dos ciganos de Patos, suas relações sociais e a (re)construção de sua identidade, revelam mais sobre o que outros autores escreveram do que o conhecimento produzido na análise de dados.

Em linhas conclusivas, de modo geral, entre ambas as estratégias de adaptação, a paráfrase resguarda maior autonomia de um sujeito na escrita acadêmica, pelo trabalho de compreender e dizer com palavras próprias as ideias de outro autor.

3.2 ESTRATÉGIAS DE REFORMULAÇÃO: ACRÉSCIMO E REORDENAÇÃO

As estratégias de reformulação por acréscimo e reordenação são identificáveis na materialidade linguística e no encadeamento textual da análise desenvolvida nas monografias em estudo. As reformulações implicam alterações das características linguístico-textuais e discursivas, indicando que as formulações decorrem de traços pré-estabelecidos para que ocorra a produção de conhecimento. Como explicamos pelo Gráfico 2, em que estão discriminadas as estratégias mais utilizadas nos dados investigados.

Gráfico 2 – Estratégias de reformulação na análise em monografias



O Gráfico 2 revela que na análise de dados das seis monografias há uma recorrência maior da estratégia do acréscimo em relação à reordenação, de 85% em ML-1, 79% em ML-2, 71% em ML-3, 84% em MCS-1, 77% em MCS-2

e 79% em MCS-3. Logo, a reordenação ocorreu nas monografias em foco com 15%, 21%, 29%, 16%, 23% e 21%, respectivamente. As porcentagens indicam que estratégias descritivas como os acréscimos são mais utilizadas porque ampliam a análise de dados questionados à luz de concepções teóricas. O acréscimo é uma estratégia descritiva que contribui para a construção de respostas às questões de pesquisa postas, à medida que acrescenta informações sobre os dados de análise. Na inserção de informações, a reordenação contribui para encadear a progressão textual da análise e as informações acrescentadas às questões de pesquisa e às apreciações realizadas e articuladas de modos diferenciados, a exemplo do que acontece no Fragmento 4.

Fragmento 4⁶ - Análise de Dados em MCS-2: RA⁷ e RR

	Introdução (Questão de pesquisa)	Análise de Dados	
1.	1) “Como os ciganos patoenses significam sua imagem e constroem sua identidade?” (MCS-3)	<i>De acordo com Severino, as rotas seguidas foram: Itabaiana – Ingá - Campina Grande – Soledade – Monteiro (ver mapa p. 18), o que mostra que eles andaram bastante; passavam o inverno no Brejo e verão em Patos. A família de Severino veio de Pernambuco; vieram morar em Patos em 1970. Naquele tempo, os ciganos andavam escondidos, pois a Câmara de Olinda, no tempo em que comandava o Nordeste, discriminava os ciganos. Passaram cinquenta anos escondidos no mato entre a Paraíba e o Rio Grande do Norte. Por isso, os ciganos andavam armados. Não tinham direito a nada.</i>	Reformulação (acrécimo)
2.			Reformulação (reordenação)
3.			
4.			
5.			
6.			
7.			
8.			
9.			
10.			
11.			
12.			
13.			
14.			
		(MCS-3, p. 51)	

No Fragmento 4, um dos sujeitos da pesquisa descrita em MCS-3, o cigano Severino, tem reportado o seu depoimento acerca do percurso que fez com sua família até fixar moradia em Patos. Nas reformulações tecidas, a estratégia de *acrécimo* descreve a imagem e identidade dos ciganos de Patos através dos aspectos espaço-temporais narrados. Na continuidade da descrição, a estratégia de *reordenação* corrobora para a produção textual no parágrafo, ao realocar a referência temporal “em 1970” (l. 7) do fim do segundo período para o início do período seguinte, com a expressão em destaque “naquele tempo” (l. 7). Por conseguinte, as descrições deixam de enfatizar as rotas que seguiram os ciganos patoenses, para se deter à época difícil em que ocorreram.

6 Conforme estabelecemos, os grifos em roxo e itálico sinalizam os processos de reformulação realizáveis pelas estratégias de acréscimo e reordenação.

7 Reformulação por acréscimo (RA). Reformulação por reordenação (RR).

No excerto apresentado, as reformulações constroem conhecimentos que fazem parte da resposta à primeira questão investigativa de MCS-3 (na segunda coluna exposta), ao descreverem que a imagem ameaçadora dos ciganos se construiu na sua identidade de pessoas andarilharas, fugitivas e armadas, que precisavam se defender para sobreviver. Na produção de conhecimento, vale salientar, a construção “o que mostra que eles andaram bastante” (l. 3-4) é mais interpretativa do que descritiva, porque resulta das apreciações do produtor da monografia em análise no que diz respeito ao contexto sociocultural que investiga. Assim, essa construção estaria mais próxima da estratégia argumentativa que descrevemos no tópico seguinte.

3.3 ESTRATÉGIA DE ARGUMENTAÇÃO: JUÍZO DE VALOR

A partir de uma observação sistemática da análise desenvolvida nas monografias em foco, alguns exemplos ilustram o *juízo de valor* como as apreciações realizadas em torno de um objeto investigativo. Por exemplo, a reflexão sobre o verbo *permitir*, no Fragmento 5, denuncia o uso desta estratégia.

Fragmento 5⁸ - Análise de Dados em ML-1: AJV⁹

	Introdução (Questão de pesquisa)	Análise de Dados	
1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10.	“Qual a interferência das unidades retóricas na prática de seminário para a mobilização dos conteúdos?” (ML-1)	Essas estratégias (“Situar a questão/ tema” e “Solução”), assim como a “Contextualização”, pelo número de ocorrência e o enfoque dado pelos seminaristas, <u>permite-nos apontá-los como critérios indicadores do bom encaminhamento do seminário.</u> (...) Por outro lado, a ausência da “Projeção”, estratégia da unidade de abertura, como recurso de ligação entre esta fase e a instrumental, <u>não nos permite defini-la como um critério avaliativo da qualidade da exposição, pois a sua ausência é registrada em todos os seminários em questão, fator que não compromete a realização dos mesmos.</u> (ML-1, p. 38)	<u>Argumentação (juízo de valor)</u> <u>Argumentação (juízo de valor)</u>

Os dois juízos de valor expostos no Fragmento 5 decorrem de características identificadas nos dados de ML-1, sinalizadas nas linhas 1-3 e 6-7. A partir das identificações postas, constroem-se argumentos valorativos que revelam o posicionamento do sujeito escritor através do verbo *permitir*: “permite-nos apontá-los (...)” e “não nos permite defini-la (...)”. Tais trechos

8 Conforme estabelecemos, os grifos em verde e sublinhado indicam o processo de argumentação realizável pela estratégia de juízo de valor, assim como o destaque em amarelo aponta para as expressões com maior carga valorativa.

9 Argumentação via juízo de valor (AJV).

valorativos explicitam a opinião em ML-1 sobre as especificidades importantes para a caracterização de seminários.

Frequentemente, o juízo de valor se ratifica através de palavras de cunho concessivo, como se evidencia através de trechos de análise de ML-1, em que o recurso é apontado pelas expressões *ainda que* e *embora*.

Fragmento 6 – Análise de Dados em ML-1: AJV

	Introdução (Questão de pesquisa)	Análise de Dados	
1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13.	“Qual a interferência das unidades retóricas na prática de seminário para a mobilização dos conteúdos?” (ML-1)	<u>Ainda que os seminários em questão complementem um contexto de ensino superior, de formação de professor, muitas das etapas que configuram sua utilização no ensino básico deveriam permanecer, principalmente aquelas que atendem a uma proposta e que facilitam a construção do conhecimento. Nesse caso, a divisão das falas/partes torna didático o processo de exposição e debate, e contribui para a transmissão das informações, havendo a necessidade de um cuidado com a conexão, a fim de não tornar o texto fragmentado.</u> (ML-1, p. 42) A preferência pela reprodução da fala ocorre com contextualização da proposta temática do seminário, incluindo a questão norteadora. <u>Essa maneira de introduzir, não prejudicou o andamento do seminário, embora deixe de atestá-los, num primeiro momento, como especialistas.</u> (ML-1, p. 43)	<u>Argumentação</u> <u>(juízo de valor)</u> <u>Argumentação</u> <u>(juízo de valor)</u>

No primeiro trecho do Fragmento 6, o argumento construído caracteriza o seminário e suas partes constituintes a partir da oração concessiva “*Ainda que* os seminários em questão complementem um contexto de ensino superior”. No segundo, o argumento julga as características de um seminário analisado e a conduta de um dos seus seminaristas, por meio da concessão “*embora* deixe de atestá-los, num primeiro momento, como especialistas”.

Em outros casos, palavras que modificam situações linguístico-textuais e discursivas e que imprimem elogios asseveram a utilização do juízo de valor. Por exemplo, no Fragmento 7, os advérbios *certamente* e *muito* apontam para a certeza e a intensidade atribuída à maneira de os ciganos contarem suas histórias, ao passo que *interessante* explicita a opinião do sujeito escritor de MSC-3 sobre os costumes ciganos.

Fragmento 7 - Análise de Dados em MCS-3: AJV

	Introdução (Questão de pesquisa)	Análise de Dados	
1. 2. 3. 4.	1) “Como os ciganos patoenses significam sua imagem e constroem sua identidade?” MCS-3	<u>Certamente é uma forma muito interessante de se contar na história, trançando relações de parentesco ou proximidade com personagens históricos de destaque, ou mesmo, personagens de mitologias.</u> (MCS-3, p. 50)	<u>Argumentação</u> <u>(juízo de valor)</u>

Além destas observações, o fragmento exposto evidencia que o argumento valorativo que opina sobre a *contação* de história de ciganos

patoenses é uma resposta para a primeira questão de pesquisa de MCS-3, porque mostra como a imagem e a identidade ciganas se constituem nas histórias que contam.

No tocante a monografias como esta de Ciências Sociais, nossos dados revelaram especificidades de juízo de valor que explicamos por meio do Fragmento 8.

Fragmento 8- Análise de Dados em MCS-3: AJV

	Introdução (Questão de pesquisa)	Análise de Dados	
1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19.	3) “Como se constroem suas relações sociais diante da fronteira étnica”; 4) “Como vivem, como (re)constróem a sua identidade coletiva nos dias de hoje”. (MCS-3)	Para nós, enquanto pesquisadoras, o fim de tal exercício [ler a sorte] pode ser uma consequência dos benefícios do governo concedidos aos ciganos de uns tempos pra cá. Além da aposentadoria, que constitui uma das maiores fontes de renda da população, muitas famílias recebem o Bolsa Família, “um programa de transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza.” [Cf. Ministério do Desenvolvimento Social], remunerações estas que não lhes obriga a sair de suas casas para receber dinheiro. Há também a possibilidade do fim de tal exercício ter se dado devido ao tamanho da cidade de Patos, pequena para comportar tais serviços, uma vez que, ler mão é bom quando não se vai ter que conviver cotidianamente com o consulente, algo difícil de não acontecer em um local onde muitos se conhecem e interagem entre si, ou, quem sabe até, a forma pela qual Severino se faz na cidade não responda a esta evasão cigana da cidade. MCS-3 (p. 84)	Argumentação (juízo de valor)

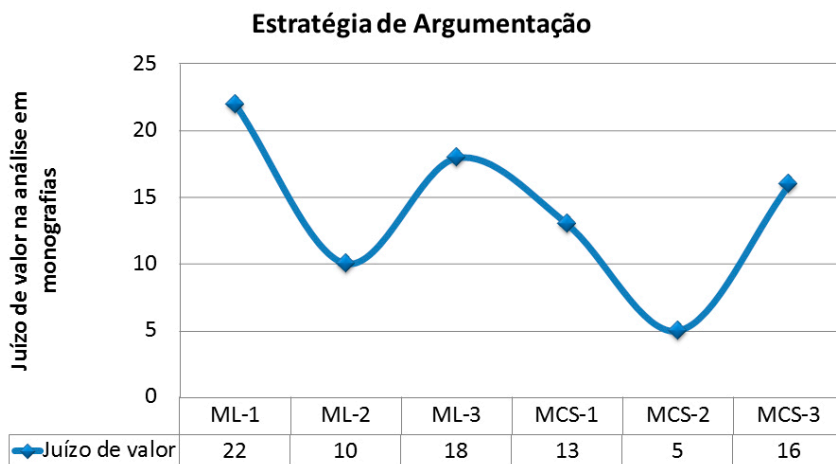
No Fragmento 8, o excerto apresentado na terceira coluna foi retirado do tópico 7.2 *O tempo de morada e os efeitos da sedentarização*, do sétimo capítulo, *O desafio de estar em Patos, sem que se queira virar um patoenses*, que se relaciona à terceira e à quarta questão de pesquisa (na segunda coluna), a propósito dos atuais costumes de ciganos. As argumentações postas evidenciam a linguagem subjetiva empregada em Ciências Sociais.

O trecho em destaque argumenta sobre a ruptura da prática cigana de ler mãos. Na estratégia de argumentação utilizada, o *juízo de valor* é reiterado pela explicitude dos sujeitos que o produziram, isto é, as pesquisadoras, uma na função social de autora da monografia e concludente do Curso de Ciências Sociais, outra na de orientadora do trabalho e professora deste curso. Com este exemplo, ilustramos que a utilização dessa linguagem valorativa aponta para uma maneira de mostrar a indissociação entre o fazer-científico nesta área e, grosso modo, a própria sociabilidade do pesquisador.

Em síntese, o juízo de valor constrói posicionamentos críticos nas monografias. Dada a sua importância analítica, contabilizamos a ocorrência desta estratégia no Gráfico 3, o qual permite visualizar que as monografias

de Letras se utilizam mais da estratégia *juízo de valor* do que as de Ciências Sociais. Considerando que a soma da estratégia de argumentação nas seis monografias equivale a 100%, ML-1 se valeu de 27%; ML-2 de 12% e ML-3 de 21%, resultando em 60% do total da referida estratégia. Logo, pouco menos da metade de juízo de valor ocorreu nas análises das monografias de Ciências Sociais, como se comprova com os 15% de MCS-1; 6% de MCS-2 e 19% de MSC-3.

Gráfico 3 – Estratégia de argumentação na análise em monografias



Por amostragem representativa no Gráfico 3, as estatísticas indicam que as monografias de Letras constroem mais análises interpretativas, com argumentos sobre resultados encontrados e descritos, do que as monografias de Ciências Sociais, que se valem de estratégias mais descritivas. Conquanto o índice de 40% também seja simbólico nas monografias deste curso, por vezes o juízo de valor construído é usado para reforçar o entrelaçamento entre pesquisa e pesquisador, revelando um caráter diferenciado em relação às monografias de Letras.

Em linhas gerais, o argumento valorativo compõe uma idealização a respeito da seção de análise de dados, por este ser um espaço em que se espera a autonomia do escritor do gênero de se posicionar diante de seu objeto investigativo. Não obstante, as seis monografias comprovam que o juízo de valor construído nesta seção do gênero em foco tem fundamento argumentativo, necessitando de estratégias descritivas prévias para que dados sejam interpretados e um posicionamento valorativo sobre eles seja construído.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo descreveu e interpretou as estratégias de retextualização realizadas internamente no gênero monografia. Defendemos a necessidade de mais pesquisas *sobre e a partir* da escrita acadêmica, por ela implicar a sustentação de sujeitos em seu meio profissional, através do modo de construção teórica dos textos, dos conhecimentos aceitos e compartilhados e, sobretudo, da apropriação, apreciação e discussão de práticas científicas.

Para a análise interna do fenômeno investigado, considerou-se de modo mais abrangente que retextualizar é transformar um texto em outro, da maneira como ocorre em contexto acadêmico, cujas produções escritas se respaldam em teorias e pesquisas lidas. Através desta consideração, buscou-se responder: *Será que as estratégias de retextualização na “seção de análise de dados” são responsáveis por legitimar a produção de monografias?*

As respostas alcançadas revelam, primeiramente, que a citação é a estratégia primária da adaptação, ao passo que a paráfrase indica um nível de proficiência maior na escrita acadêmica, por exigir a reformulação do que fora apresentado. O posicionamento estabelecido poderia supor ausência de produção de conhecimento na escrita acadêmica, em detrimento de retomadas e repetições de textos de outrem; entretanto, à parte suas diferenças, uma e outra estratégia são utilizadas na análise de dados mediante adaptações textuais e discursivas, para que questões sejam respondidas, legitimando, assim, uma pesquisa realizada.

Em segundo lugar, as estratégias de reformulação favorecem a apropriação de um objeto investigativo e da própria análise de dados, porque são estratégias descritivas que ampliam informações primárias em contexto de pesquisa. Especificamente, as reordenações analisadas confirmaram a discussão em Marcuschi (cf. [2001] 2010), de que um argumento posto por último é reformulado para ser o primeiro, de modo que o contrário disso também ocorre. Além disso, ratificaram a assertiva do autor de que a reordenação é identificável em situações textuais complexas que envolvam sujeitos com um nível mais proficiente de escrita. No que respeita essa complexidade, os produtores das monografias em questão têm vivência da escrita desse meio pelas produções desenvolvidas na graduação e, mais especificamente, no PIBIC.

Por fim, o juízo de valor que perpassa a análise desenvolvida em monografias acontece de modo inter-relacionado às demais estratégias apresentadas, evidenciando o posicionamento do sujeito produtor do gênero acerca de seu objeto investigativo. Por este motivo, reafirmamos que as estratégias de retextualização foram apresentadas em tópicos diferenciados por decisão nossa; mas, na análise das monografias em estudo, necessitaram

umas das outras para a produção de conhecimento esperado para o gênero, conforme explanamos e discutimos em Souza (2014).

Portanto, as estratégias de retextualização legitimam, sim, a produção de monografias pelo contínuo desencadeado que atribui o caráter de novidade esperado em gêneros como o focalizado, ao evidenciar o fazer científico do pesquisador/autor, através da apreciação de dados pelo confronto com teorias e com o contexto social de investigação.

REFERÊNCIAS

- BAZERMAN, C. *Gênero, agência e escrita*. HOFFNAGEL, J. C.; DIONÍSIO, A. P. (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2006.
- BERNARDINO, R. A dos S. *A reformulação parafrástica na fundamentação teórica de trabalhos de conclusão do curso de Letras*. 152 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.
- BESSA, J. C. R. *Referência ao discurso do outro: uma análise de problemas de relação de sentido entre discurso citado direto e discurso citante no gênero monográfico*. 110f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.
- COSTA VAL, M. da. G. Repensando a textualidade. In: AZEVEDO, J. C. (org.). *Língua Portuguesa em Debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 34-51.
- _____. Texto, textualidade e textualização. *Pedagogia cidadã: cadernos de formação – Língua Portuguesa*, São Paulo, v.1, p. 113-128, 2004.
- DELL'ISOLA, R. L. P. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- ECO, U. *Como se faz uma tese*. 14. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- FABIANO, S. *A prática da pesquisa como sustentação da apropriação do conhecimento na graduação em Letras*. 210 p. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- HILGERT, J. G. *A paráfrase: um procedimento de constituição do diálogo*. 462f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- HOFFNAGEL, J. C. A prática de citação em trabalhos acadêmicos. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 71-88, 2009.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.
- KRISTEVA, J. *Introdução à Seminálise*. São Paulo: Debates, 1969.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MATENCIO, M. de L. M. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, 2002.

_____. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 3., 2003, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

_____. *O recurso ao discurso do outro na formação inicial: um estudo de textos de alunos de Letras*. São Paulo: Intercâmbio (CD-ROM), 2004. v. 14.

PEREIRA, C. C. *Formas e função do discurso do outro no gênero monográfico*. 233f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

SILVA, A. V. *Recursos linguísticos em resenhas acadêmicas e a apropriação do gênero*. Curitiba: Appris, 2011.

_____. *Com a palavra, o aluno: processos de retextualização na exposição oral acadêmica*. 231f. (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SOUZA, C. R. R. de. As interfaces entre retextualização e intertextualidade: um estudo de resenha acadêmica. In: ENCONTRO DAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM APLICADAS AO ENSINO, 5., 2011, Natal. *Anais...* Natal: ECLAE, out. 2011. v. 5

_____. *Retextualização no gênero monografia*. 148f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2014.

STRUSS, A.; CORBIN, J. *Pesquisa qualitativa: procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TRAVAGLIA, N. G. *A Tradução numa Perspectiva Textual*. Tese (Doutorado) – USP, São Paulo, 1993.

APÊNDICE: FONTES BIBLIOGRÁFICAS DOS DADOS COLETADOS

Monografias de Ciências Sociais

MCS-1 NUNES, A. M. B. *(Re)peculiarização e mudança social da agricultura familiar no sertão do Pajeú (PE): reconversões produtivas, reelaborações discursivas e mudança figuracional no Sítio Santo Izidro (PE)*. 61 p. Monografia (Curso de Ciências Sociais/ Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande – PB, 2011.

MCS-2 MENESES, V. F. *A constituição de mediadores sociais em projetos de desenvolvimento: uma reflexão sobre os ADRS no contexto da (re)peculiarização no cariri paraibano*. 69 p. Monografia. (Curso de Ciências Sociais/ Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, 2011.

MCS-3 CAMILO, A. S. *“Andarilhos no meio do mundo”: os diferentes caminhos trilhados pelos ciganos e o desafio de estar em Patos – PB*. 112 p. Monografia. (Curso de Ciências Sociais/ Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, 2011.

Monografias de Letras

ML-1 MEIRA, G. H. S. *A prática de seminários e as unidades retóricas como fatores intervenientes*. 75 p. Monografia. (Curso de Letras/ Habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, 2011.

ML-2 LIRA, D. M. *Práticas de ensino e de avaliação e concepções de escrita em curso de formação inicial de professor de língua materna*. 43 p. Monografia. (Curso de Letras/ Habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, 2010.

ML-3 SILVA, P. S. L. *Saberes sobre oralidade mobilizados na formação e na atuação de professores de língua portuguesa*. 67 p. Monografia (Curso de Letras/ Habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, 2009.

Submetido em: 10/06/2015

Aceito em: 09/04/2016